

Vou debulhar seu desespero; amansar seu corpo inteiro

Raeltom Santos Munizo

Da erótica. A recolha dos lados gordos dos lábios secos pelos dentes caninos foi uma leitura de um vermelho rosário pagão. A ardura do sopro sul do grande corpo saindo correndo sobre as areias faíscas do chão da língua solta da boca é engolida pela recepção que a escuma.

A força das horas pisadas depois não amansou o suor vertical do corpo de Laura, mas seu ânimo a afoitou a fugir para atrás de uma porta branca bandeirada, onde se chorou esse suor da saudade recente, descendo passeando queimando a lâmina branca que guarda a madeira. É um suor sonhado, bruto como o amor primeiro que borbulhou na carne mais dura dos tempos, a qual foi capaz de fazer Amor desvirginado salivar com os pés numa dura terra vermelha que assentava um ajuntamento de pessoas longas, negras como a virilha da noite, cobertas somente os ombros com uma touça de penas filetes cor de o fogo azul do núcleo do fogo, que vassouravam seus peitos de relevos côncavos, açoitando assim a poeira molhada e queimada pela labuta do arranque da respiração. Bebiam um antigo café na garoa, com os olhos atravessando e mordendo a fumaça de cheiro amargo, menos no cabo, que ardia doce. Nasceram com outros instintos amatórios colhidos por um insetinho

bicudo que mamou o cheiro do dedo de Deus quando este tocou no barro para impor limites, amores e sorrisos àquela matéria amorfa; e que um descendente desse efeméride, muitos anos envelhecidos depois, conseguiu ebulir no couro e coração gorduroso iniciante dessa gente longa como o braço negro da moça noite. Era gente de pele sem mais nomeada e semelhança, hoje; eram bebedouros de água curtida cuspidada pelo bico de flores rubras, trementes durante o calor da lua gorda. Amavam-se agitando os sons: torciam o corpo como redemoinhos caindo em assobios; abriam as mãos e lançavam palmadas na terra de entardecer e levavam o calor colhido até os peitos dos outros, a fim de minar o suco da carne; tremiam os fios braços sem fim como um chocalho cobreiro rumo às copas fartas dos cabelos de brilho azul, a fim de perderem as mãos ali dentro em busca do coração do beijo. Tinham uns olhos em outros olhos firmando o impacto dos corpos em forma estrelar e se encontrando pelo arremesso frontal, no alto. Essas voadas, quando chegavam a pino, faziam os lábios caírem uns dentro dos outros e se derramarem à medida que os corpos pássaros amantes despencavam encostando nas colunas do ar. Nesse instante, sentiam as veias deixando de serem frias, as aréolas caramelos cobre do centro dos seios soltarem uma lágrima de êxtase e, outrossim, sentiam o umbigo girando e segurando o mel gotejado uma vez para a boa prosperidade e recolha do ruim das energias. Conforme me relatou Amor, em um de nossos encontros ritualísticos, com os seus pés pousados pesando tremendamente a terra em câimbra, ele cantou para essa gente com um alto sopro, lírico e coaxante: “são seus olhos, seus olhos que derramam amor no chão”.

Então, quando me encontrei na dança com a primeira paixão de um coração espinhado, eu vi o que seria o Amor me rodando como urubus de asas de temporais. Perguntei seu nome e ouvi que era gênero e por isso o nome é a coisa grande, sem limites. Diz ser toda a história dos homens, também, por isso seu nome se alargou pelos tempos, murmurado enquanto Amor. Pedi para ele me falar como os homens se amaram subidos no tecido remendado da história. Eu disse com a voz nos olhos para ele me encantar com seus efeitos e assim ele tomou a palavra e não mais me deu naquele dia:

— Olhos não abrem minha pele; não os tenho. Não vi como os seres homens se amaram na história, pois não sou de distâncias; eu vivo começando

na carne e depois roo a alma e me torno uma camada ferida dela. Quando eu habito a coisa, eu me faço render ali, tornando-a eu. Não sou de distâncias, eu ainda estou vivo nos passados que você não viveu, uma vez que o tempo não me torna passado. Seja qual tempo for, haverá amor, logo, eu estou lá, por isso caminho pelas casas do cronológico, para manter a ordem da existência que são os encontros. Vou chamar para você apenas três atos de amores alagados nas almas de tempos outros.

Num tempo coalhado, manso, cansado e descamando em dias longos e vagarosos como o crescimento dos pelos de caminhos de umbigo, um arrumador de touros em trilhas assobiou tão largo que caiu três pedrinhas da parte leitosa do lenço telhado estrelário que abraça o segundo céu que sobe negreiro para o alto, depois que o sol vai sonhar. O guardador servil, de amoroso, tira as sandálias trançadas a palha e penduram num próximo galho que varre o vento rasteiro, pega em suas mãos algumas folhas com um cheiro guardado em seus óleos, amansa a sua pele com o deslize delas, depois tremula o corpo ocreado contra o avanço dos rosados raios solares para o cheiro se tornar armadura do couro. Bem ele corre alteando rumo à barriga do azul do céu, onde se guarda a vida dos deuses dos soberanos herdeiros da idade da areia de ferro; chama com voz ordeira por um nome suspenso de sutil tão que vive na superfície do ar rente ao vosso coração. Os sons daquela terra de gente nordeste, daquele mundo erguido por pés de caminhos, por mãos que enraizaram na terra, por olhos que nascem antes do clareado, impulsionaram com suas notas o movimento bailado de uma mocinha rumo ao encontro com a carne de guardador que espelha seus desejos de coito. Quando os olhos te confirmaram a chegada do vosso par coração, o corpo inverte decrescente e depois veraneia aguardente, convidando ao abraço. O servo do rebanho das paixões derrama os panos que o guardam, deixando o azul daquele céu ensolarado minar mirando seu corpo. É um azul curtido pela luz há muito tempo, agora escorrendo pelo rego que bandeia suas costas, inchando suas pás, remando seus ombros e suando a carne de sua virilha cacheada. A mulher da montanha espalhava o suor do guarda amoroso, colhendo tanto com a boca o sal nas ondas desse suor arrastado até o tronco dele. Aqueles olhos de mar castanho induzem a boca dura a alpinar as costas amansadas. As unhas amantes e muitas, livres como a raiva das coisas que

rangem no peito da vasta costela do mundo, abrem feridas de pouca erosão e despertam dores ardidadas sopradas para fora pelas bocas do fim das gargantas curvadas. Neste instante, o tempo me inveja o domínio e deita sua goela de frente aos amantes para devorar as migalhas de amor cadentes. Eu lembro que minha substância amatória, no Nordeste que joelha o Brasil, queimava suando pingando afoita e afetada tremendamente pelo respiramento daquela terra bruta como o gosto do beijo primeiro. Sempre golpeio e divido com minhas asas fartas e duras o ar leste aquando da investida contra os peitos falantes nordestinos. São gentes desinquieta, capazes de mimar amor. Esse lugar de matérias para as memórias, sorrisos e as dores é onde se dá a invenção da beleza, bandeirada no ar com cores abundantemente decorosas e sopradas nos corpos das gentes diferentes, no ser, no fazer e no ter e meter. Amor não vê, com seu couro padrão, ali, uma desordem em estado de belo movente e ardente. Rei dos espaços do tempo, onde range a dificuldade de se sobreviver e a alegria de inventar como nenhuma musa foi capaz os movimentos, sabores, cantares, cores, favores, histórias e amores. Eu quero cair de minhas asas ali, para sempre ser guardado e beijado pela luta e lua que clareia e queima aquela gente que sorver sabe sol.

A lua amanhecendo na sonolência do sol, as mãos dançando no chão do corpo heleno e as escumas de Afrodite vazando pelas bocas do corpo, pastoreio. Eu estava comendo figos verdes nos galhos de oeste, com minhas asas amoitadas e abraçando a árvore proveitosa, o que impulsionava a doce matura vermelhidão se adiantar. Vi dois jovens golpeando os figos sulcados com o peito dos pés e sentindo o doce da neblina dos frutos em suas peles. Senti no longe o parto sincrônico de golfinhos machos, de uma pomba branca rosada, dum bode agudo, uns cisnes em ninhadas rompendo as cascas brancas e montanhosas dos ovos e uns gansos nascendo para a jovialidade. Era um encontro de selvagerias que marcará o amor trazido do oriente pelo vento que salga. Acordei minhas asas e me misturei no ar para invadir o corpo dos amantes e amansar os afetos ariscos que gritam dentro. Os dois depois foram se banhar na curva de um rio vigiado pelas ruínas de um templo dedicado à senhora da fecundidade, da felicidade, da primavera do tempo, da reprodução sonhada em suspiros. Era um templo cuja fachada em tom de pele de brilho úmido apresentava, em relevo,

peixes curvados pelo encontro e de caudas servis, lembrando a metamorfose da mãe da genealogia das relações. Essa cena, ao olho mesmo gasto ou pouco treinado, se move diante dos olhos, como se vivos estivessem mergulhados dentro das ondas dos blocos de pedras. Os poetas de Grécia pintavam em seus textos cenas que se escreviam moventes no pensamento. Isso me lembrei naquele instante. Mas o templo estribou com a poeira de suas réstias de paredes quando os amantes jovens passaram em sua presença, acendendo seu fim, aquecendo sua história, lembrando de sua guarda. Aquela arquitetura que sofreu derrota não pulsou com minha presença antes assentada ali nas proximidades, quiçá por ser eu o Amor em um só, ao passo que o amor deles são amores, encontros, logo, mais espalhados, distintíssimos em suas unidades e se rodeando como os meninos peixes que constelam o arco zodiacal. Ao cruzarem o caminho fino margeado por folhas de louro, foram avistados pela formatura do deus sol, encantado e agitado no curral do universo pela beleza da jovem que laça a mão do mancebo. O sol oval quebra a parte cimeira da sua casca magma e se derrama em asas formas, ventando para longe as pedras pequenas inflamadas que o circulam. O peito do ovo luminoso é demonstrado após debulhar a parte da casca que o guardava. E mexia a caixa do peito como uma montanha fogueira ativa. Com um passo, as pernas massudas tremem a estrada do universo que beira sol, jogando ali o sul das cascas. O chapéu curto da casa é erguido pelos braços flamejantes repletos de veias de luz circulando em incontável velocidade. Sob o corpo onde se reúnem as partes do fogo, tem-se a frente que vê com a luz, cospe com a lava saliva, engole cheiro com o vapor e escuta com o frigir de brasas. Apolo se molda pela matéria prendada do sol e pela matéria amatória que o atingiu as vistas. Refuga o encanto e salta se embolando em nuvens d'ouro e delas se torna cavalos ardentes despencando em luz. Ao solo vem o sol da gravidade de Delos, crestando o espaço e deixando febril o tempo. Bandeira suas asas no fim do Parnaso, deixando-as ali tremulando o início de sua ventura na terra, em busca do amor longo daquela jovem que caminha em redemoinhos perto de mim, o escondido. O deus da claridão, naquele monte que espinha o céu, retorce seu corpo e afia seus pés unidos em forma de galho e se lança flechando a distância que o esconde de sua almejada. Pousa perto do ato dos jovens enamorados, fatalmente no corpo de um touro negro que, vivo

pela incorporação do deus e sentido pela dor que o flameia, dispara pelo ar e por aquele chão coberto de alecrins, de um morno vinho dócil sem cor em pote, por mantos de relva ardente para esconder as vergonhas e também de pétalas de narciso cheias do fresco fogo vermelho líquido grosso colhido pelo voo da virgindade. O frio do medo não se encolheu diante do calor da agonia queimando o touro negro, cujo couro soltava cinzas e escamas de pele no leito largo dos amores, à medida que os braços de Apolo tomavam a forma das pernas do animal e apunhalavam o chão semeado com flores de narciso, colhendo-as com a raiva da consumação amante e perdendo-as no ar com a metamorfose desfeita em forma de cascos, cujos punhos não enlaçavam Narciso mais uma vez. A fúria do deus de Delfos solto correndo em círculos ao redor da amada, que estava guardada pelos braços e encaixamentos das coxas do companheiro, não amainou e se babou pelas ventas da armadura animal. De seus cornos se viam erguerem mãos clamorosas que ora vez se curvavam apertando o quente ar em direção à nudez do casal. Queimando diante de Amor, pelo impacto da derrota, o touro guarda-sol corre como o primeiro raio nascente em direção à almejada e abraça o interior de seu peito com suas mãos em forma de chifres. O grito agudo quase como o fim de um assobio estralava naquele espaço, atormentando o touro derramador de fogo que corre em direção a um poço grande e profundo, onde mergulha sua levada amada, agora quente vermelha e negra, cujo encontro com o molhado afoga o grito agudo e ergue uma fumaça de pressão por metros acima do touro.

No vértice do monte de pele pedraria da parte baixa da América, tem um grandíssimo ajuntado amigo de casas vermelhas formigando o ar. Faz parte da tradição pintar dos vermelhos aquelas casinhas miúdas, à conta de viver uma família que cabe em um só abraço. É um lugar difícil, pobre de remar, em desordem desde tempos sumidos, mas ali se sabe abusar do amor, assim como o arrepiado arisco ao sugar calor do poço dos poros pelas raízes dos pelos. Eu sou pobre, ninguém me tem por troca de moeda, eu sou alegria de graça dada, todo mundo tem o direito e o momento de me receber na armação do peito, a fim de afogar a alma em mim. Aquele lugar vermelho lotado se derramando no monte comprido é a mim dedicado como o vazio Parnaso. Sempre venho a este ninho quando pouso nesse tempo que está mais próximo de ti. Venho como

nuvem pesada vomitar amor no couro daquela gente que me muda para o mais quente e sedento uso em abuso. Uma filha de Sônia conheceu um homem alcançando os quarenta de idade em um tiroteio sem mira na segunda rua inteira que corta os pés do monte. Ela passeava pelo limo do perigo costumeiro, mas teve a sorte de ser salva guardada pelas mãos desse homem na garganta de um beco mudo. Ele reconheceu, ela, de ato trabalhado pela beleza da mulher na Casa da Donzela Faísca, casa da carne, teto do tapa em contida pressão e do assopro quente escapando pela boca amarga e seca nos seus riscos. Era a casa das donzelas da rua beija que tramava o cordão do desejo por ali. Sua essência era isca de homens e mulheres que queriam mastigar o desejo na sua forma mais menina e menos dispersa. É o lugar que deu o início para aquele conjunto social. Ali eu vivia em avesso, amando pela desordem. A garota de Sônia, de corpo café e ânimo pimenta, abria a casa quando a noite caía sobre o mundo de lá, acendendo a primeira luz no monte. Luz amarela que abraça o vermelho que bronzeia o corpo daquela casa apertada, onde as pessoas trafegam se esbarrando umas nas outras com os corpos, olhares e calor. Tinha-se o hábito de ferver caldeirões cheios de pimenta biquinho, de flor de rosa amarela, de bandas de uvas, de morangos amassados com as mãos, a fim de evocar o nirvana do amor de toque. O cheiro evaporando com a solta luz alaranjada também servia como aviso de início de trabalho para os clientes. O homem salvador da garota decidiu ir na quarta-feira para a casa das donzelas, a fim de provar a tanta beleza da moça de Sônia, sugerida pelo seu persistente imaginar desde a ação heroica de salvá-la aquando do tiroteio.

No meio da rua beija, o homem sorriu calmo desmoronando, com a imagem do todo corpo nu café da garota derretendo em sua mente e com o peito ardendo e soltando um calmo esguicho de sangue, em virtude de um silencioso tiro perdido de solto.